

GLOSSOLALIA: POLIFONIA E POLIRRITMIA VOCAL

GLOSSOLALIA: POLYPHONY AND VOCAL POLYRHYTHM

Maurício Eugênio Maliska

Doutor em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Psicanalista, membro de Maiêutica Florianópolis - Instituição Psicanalítica.

Professor do Curso de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem da Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL).

mmaliska@yahoo.com.br

RESUMO

A glossolalia é comumente estudada num escopo cultural fortemente marcado pelo cunho místico-religioso. Neste texto, tentaremos tomar a glossolalia não como um fenômeno de cunho religioso ou cultural, mas como uma manifestação vocal, demonstrando a sua polifonia e polirritmia presente em cada vocalização. Trata-se de entendê-la como um fenômeno vocal constituinte da subjetividade, na medida em que ela é uma manifestação da própria voz, enquanto articulação entre som e ritmo. Em outras palavras, a voz é glossolálica; o sujeito, no seu balbucio vocal, emana uma enunciação sem enunciado, vocaliza na sua fala algo que não é discurso, algo que não está atrelado ao sentido e sim ao puro som e ritmo, elementos esses que são centrais na glossolalia da voz. A glossolalia é a quebra do sentido para a emergência da voz enquanto corpo, ou melhor, um pedaço de corpo que dele se desprende para ganhar o sem sentido do som.

Palavras-chave: Glossolalia. Voz. Polifonia. Polirritmia. constituição subjetiva.

ABSTRACT

Glossolalia is usually studied within a cultural scope, strongly marked by the mystical-religious characteristic. In this text we will try to view glossolalia not as religious or cultural aspect, but as a vocal manifestation, demonstrating its polyphony and polyrhythm present in each vocalization. It is about comprehending it as a vocal phenomenon constituent of subjectivity, while it is a manifestation of the actual voice, as an articulation between sound and rhythm. In other words, the voice is glossolalic; the subject, in his vocal utterance, emanates an enunciation without statement, vocalizes something in his speech with is not

connected to meaning but to pure sound and rhythm, elements that are central in the glossolalia of the voice. The glossolalia is the breaking of meaning for the emergence of the voice as body, or better yet, a piece of body from which it lets go to receive not meaning but sound.

Key-words: Glossolalia. Voice. Polyphony. Polyrhythm. subjective constitution.

De acordo com Michel de Certeau (1980), em seu artigo intitulado *Utopies Vocales: glossolalies*, a glossolalia é o ato de falar em línguas. Também denominada de língua estranha, língua bárbara, falar extático, neolíngua, a glossolalia é o ato de forjar uma língua como se ela fosse nova ou desconhecida. Em muitos casos, ela realmente toma ares de uma língua desconhecida. A glossolalia, em certos aspectos, se parece com uma língua, mas não possui uma estrutura que possa sustentá-la enquanto tal. No entanto, há uma série de sons e ritmos que dão fluência e cadência para as vocalizações que fazem com que ela tenha a aparência de uma língua sem sê-la.

Tradicionalmente, a glossolalia é objeto de estudos antropológicos e sociológicos que tentam descrevê-la como um fenômeno no interior de comunidades que a cultivam. Em geral, ela está associada aos cultos religiosos oriundos das diásporas negra da África e da indígena sul-americana (ROUGET, 1990). A glossolalia também é estudada como um fenômeno patológico presente em alguns distúrbios psiquiátricos, e também pode ser considerada como um fenômeno lúdico, quando crianças ou adultos brincam com os sons da língua sem necessariamente exercitá-la.

A glossolalia parece despertar ainda mais o interesse pelo fascínio que essa *língua* provoca. Afinal, trata-se de uma *língua* que não possui uma significação ou um sentido, mas, fundamentalmente, um conjunto de sons articulados dentro de um determinado ritmo e cadência capaz de provocar nos seus praticantes transes de diversas ordens. O fascínio, neste caso, nos parece muito mais ligado ao efeito de transe e sideração¹ que faz com que os sujeitos se entreguem a sonoridade e a musicalidade dessa *língua* de uma forma a serem conduzidos por ela. Enquanto possibilidade de língua, a glossolalia não possui aspectos essenciais para tal, ou seja, não há uma semântica, não há uma sintaxe, nem mesmo uma morfologia, apenas um conjunto sonoro, vocalizado dentro de um ritmo cadenciado que, em geral, conduz os sujeitos a transes. Diante dessa primeira aproximação com o nosso tema, nos deparamos com algumas questões: A glossolalia poderia ser considerada, de fato, uma língua?

Qual é o seu sentido ou significação? O que ela transmite? Onde reside o seu poder de invocação e sideração?

No culto sagrado das religiões cristãs, em especial do catolicismo, a palavra de Deus, enquanto significante, é valorizada por trazer um sentido para a vida dos fiéis. A transmissão da mensagem divina se faz através dos signos da língua, através dos significantes que portam um sentido para a vida daqueles que crêem. A importância da glossolalia nas religiões descendentes dos cultos africanos e indígenas não se faz por esta via do significante, tal como no catolicismo. A glossolalia não veicula a palavra, esta que se situa do lado simbólico da língua; mas, veicula a voz, enquanto manifestação sonora desvinculada do sentido e atrelada ao ritmo e à musicalidade. Enquanto a religião católica transmite a palavra de Deus através do significante divino e de seus efeitos de sentido no próprio discurso cristão, as religiões que praticam a glossolalia transmitem um saber pela própria invocação presente na voz, no ritmo e na musicalidade dessa oralidade. A transmissão, na glossolalia, não é o efeito produzido pelo sentido da língua, mas o efeito de sem sentido produzido por uma não língua. Na glossolalia, há uma relevância da voz em relação a fala, em que importa mais o som do dizer do que o próprio dizer. A oralidade fica desprovida de um querer dizer e de uma intencionalidade, em que também não há lugar para o dito.

Para Michel de Certeau (1980, p. 26, tradução nossa), o glossolálico: “Fala ‘para nada dizer’, precisamente para não ser enganado pelas palavras, para escapar das armadilhas do sentido, para ser uma pura fábula (*fari*, falar) e reencontra em sua antecedência um dizer primeiro.”² O sujeito que glosa, fala para nada dizer na medida em que sabe que a ordem das palavras é a ordem da falácia. Ao falar em línguas, o sujeito explora o som e o ritmo enquanto outra possibilidade de transmissão, diferente daquela tradicional que ocorre através da língua e seus significantes. A voz, na glossolalia, é pura sonoridade, não está permeada pelas artimanhas que o sentido provoca na fala de uma língua. A articulação presente na glossolalia é puramente sonora, ou seja, entre som e ritmo, e não aquela já estabelecida desde Saussure (1984), passando por Jakobson (1977), entre som e sentido. De Certeau (1980, p. 26, tradução nossa) ainda complementa, a glossolalia é: “[...] uma ficção de discurso que orchestra o ato de dizer, mas não enuncia nada; é também uma arte de dizer no tapume de uma aparência”³.

A glossolalia é polifônica por produzir vocalizações que demonstram uma diversidade sonora, uma diversidade de vozes; também é polirrítmica, por produzir ritmos cadenciados em suas vocalizações, não se tratando, portanto, nem de um único som, tampouco de um único ritmo. Em outras palavras, trata-se de polifonia e polirritmia porque é

em muitos sons e ritmos que a glossolalia se manifesta como fenômeno vocal. O saber que é transmitido não pode ser decodificado em uma língua, pois não é da ordem do significante, mas transmite algo da invocação que se passa pelo som e ritmo, na ausência, ainda que lacunar, de qualquer possibilidade de sentido.

Interessa-nos discutir a glossolalia, não como um fenômeno religioso ligado a determinados ritos culturais, nem mesmo enquanto um fenômeno lúdico ou patológico, mas discuti-la no interior da constituição subjetiva, imitando o próprio movimento de De Certeau (1980) que tenta arrastar esse tema para o campo cotidiano das vocalizações, tirando-o do terreno já consagrado dos cultos místicos para mostrar o quanto há de *glossolálico* na própria fala. Nesse sentido, para Michel de Certeau (1980, p. 28, tradução nossa): “O que a utopia é para o espaço social, a glossolalia é para a comunicação oral, circunscrevendo-a num simulacro linguístico. Tudo o que a voz realiza de diferente que não a língua quando ela a fala”.⁴

A fala é cerceada por uma série de sons ritmados sem nenhuma função significante, mas que fazem parte do som da língua na medida em que atuam como pura fonação, e promovem toda espécie de murmúrios, suspiros, sopros, fazendo da língua e do falar uma utopia centrada no ato de bem dizer, este que tenta eliminar os ruídos vocais, os sons paralinguísticos e fonações que não estejam a serviço do exercício da língua. A esses sons, Michel de Certeau (1980, p. 28, tradução e grifo nosso) nomeia de tatuagem interlocutória e vocal: “Os barulhos paralelos que povoam as conversas habituais representam uma *tatuagem interlocutória e vocal* sobre o discurso.”⁵ Da mesma forma, a comunicação é utópica se considerarmos os seus ruídos e o seu engodo, pois o sujeito escuta de seu receptor a sua própria mensagem, aquilo que ele deseja escutar: “[...] o emissor recebe do receptor sua própria mensagem sob forma invertida [...]” (LACAN, 1998a, p. 299). Bem sabemos que o que se transmite não é transmitido através da mensagem ou da comunicação, mas através do desejo e este não está do lado do sentido, mas do lado da falta. A transmissão não se passa pelo dizer, em palavras, mas pelo que se transmite do desejo através dos vocalises rítmicos que o corpo produz. Isto é da ordem do inconsciente, da ordem pulsional que atravessa o sentido da língua para encontrar o sujeito na encruzilhada entre o corpo sonoro e a lei significante, ou, numa linguagem lacaniana, entre o gozo e o desejo.

A língua é uma utopia, pois as glossolalias transmitem algo de um saber que se sabe através dos sons da língua e não dos sentidos que esses sons possam veicular. O que se perfila é um jogo de forças cuja potência se mostra não por aquilo que se pode comunicar, mas por

aquilo que se pode transmitir, em algo que está para além do sentido e que toca na voz como portadora dessa transmissão.

A expressão *tatuagem vocal*, de Michel de Certeau (1980), nos parece muito rica e precisa, pois ela porta a ideia da marca, da inscrição no corpo de um traço que não é visual, tão pouco plástico, mas vocal e sonoro. Trata-se de algo que porta a singularidade, tal como uma punção que faz uma marca particular e própria que caracteriza determinado sujeito. Porém, essa tatuagem é sonora, da ordem vocal, e não expressa um significado, tal como, em geral o fazem as tatuagens pictóricas. O que é veiculado na tatuagem vocal é uma voz, um som que marca o corpo do sujeito, algo que não é da ordem do sentido, mas do real do corpo pulsional. Isso não tem uma relação direta com a língua, enquanto sistema de signos, ou com a significação, mas com algo do real do som e do corpo.

Etimologicamente, a palavra glossolalia advém de *glossa*: língua, idioma, linguagem; e *lalia*: lalação, tagarelice, balbucio, loquacidade, uma repetição de língua (ou de línguas). Esta *língua*, como já foi salientada, não é o idioma, mas uma espécie de *língua*, se é que podemos considerá-la assim, composta de neologismos, cujos vocábulos inarticulados entre si não portam valor de significação, mas pura sonoridade. Lacan (1998b) faz referência a glossolalia no texto *Formulações sobre a causalidade psíquica*, publicado nos *Escritos*, através de um livro chamado *Mots sans mémoire* do seu amigo Michel Leiris (1998), a quem atribuíam um melhor domínio nas brincadeiras glossolálicas, desenvolvendo importantes noções quanto ao aspecto real da experiência psíquica presente nas glossolalias. Michel Leiris (1998) faz jogos homofônicos e glosa com as palavras de modo a quebrar o seu sentido e a sua história, tornando-as palavras sem memória. Lacan entende as *palavras sem memória* como desprovidas de etimologia, pois a etimologia é universal e suprime a singularidade de cada palavra no ato de dizer. As glossolalias são palavras sem memórias, pois elas não possuem vinculação alguma seja com a etimologia, com a semântica ou com a sintaxe. As glossolalias também são consideradas sem memória porque não possuem um passado que se atualiza em cada ato de fala, em cada exercício do falante na língua. Não há essa característica que, de acordo com Saussure (2002), está presente em todas as línguas. Na glossolalia, importa o ato de dizer — a enunciação — que se anuncia singularmente a cada instante, e não o que é dito, até porque o dito, em geral, na glossolalia, não comunica nada. Tal como expressa De Certeau (1980, p. 28, tradução nossa): “O ato aqui importa mais que o conteúdo. Ele tem, portanto, sentido no momento em que se desfaz a significação dos enunciados.”⁶ Deste modo, a glossolalia não tem uma forte relação com a Linguística, enquanto disciplina que estuda a

linguagem, esta última entendida como um sistema simbólico de significações. O que está presente na glossolalia não é aquilo que foi demonstrado por Jakobson (1977) em seu livro: *Seis lições sobre o som e o sentido*, que articula como o título prevê, o som e o sentido; nem mesmo aquilo demonstrado por Saussure (2002) em seus cursos, que articula o significante e o significado, ou a imagem acústica e o conceito; mas uma articulação do som e do ritmo. Tal articulação provoca um sem sentido, sendo que está em jogo certo prazer com o som das palavras, o quanto elas podem ser desdobradas nas suas polifonias e polirritmias. Foi isso que levou Lacan a falar da ficção e do canto da fala e da linguagem, e não mais da função e do campo da fala e da linguagem como foi o título de seu célebre artigo também publicado nos *Escritos*.

Foi por esta via que Lacan (1998a) formulou um dos seus mais conhecidos aforismos: *O inconsciente é estruturado como uma linguagem*. No entanto, por vezes, é ainda mal compreendido acerca do que possa ser essa linguagem, pois ele não estava falando da estrutura da linguagem enquanto o sistema de signos, mas que o inconsciente é estruturado como *uma* linguagem (específica). Esse artigo indefinido, *uma*, faz toda a diferença, pois se trata de uma linguagem especial, que não tem necessariamente a ver com a linguagem, enquanto idioma, mas tem a ver com a *lalangue* (*alíngua*) — que é escrita sem espaços para marcar a diferença dessa outra *língua*. Uma língua muito particular, em que não há tradução, por não haver compartilhamento de vocábulos e palavras, por esses serem completamente singulares. Trata-se de uma *língua* singular, aquela que é inscrita no sujeito, ao modo de uma *tatuagem vocal*, e que o deixa com uma marca ao mesmo tempo em que o marca, que o inscreve e o convoca como sujeito. É uma pura lalação, uma glossolalia, sem predicado, a voz da mãe que faz eco no sujeito, ou o canto materno que tem o poder de inscrever algo no sujeito por aquilo que ele veicula em termos de chamado, enquanto invocação e desejo. A ordem da *lalangue*, ou se quiserem, *alíngua*, ou ainda, *lalíngua*, não é também o sonoro ou o som, mas o que desse som há enquanto invocação, enquanto voz que procede a um chamado, algo capaz de despertar o sujeito, algo capaz de colocá-lo em movimento.

As articulações sobre a *lalangue* começaram a ser feitas a partir de 1972, momento em que Lacan comete um ato falho. Ao tentar se referir ao dicionário *Lalande*, fala: *lalangue*. A partir de então, começa a teorizar este conceito para traçar o que ele queria dizer acerca da estrutura do inconsciente definida como uma linguagem. Esta *linguagem* totalmente particular e singular, na qual não há tradução, é uma espécie de glossolalia, em que o que está em jogo é o som turbulento da linguagem e não seus significantes. Esta estrutura do inconsciente é

totalmente diferente daquela outra estrutura, não do inconsciente, mas da língua definida por Saussure (2002). A estrutura saussureana da língua é um princípio universal. Aí reside uma das genialidades de Saussure, pois ele conseguiu passar da gramática comparativa — método linguístico amplamente utilizado em sua época, e do qual foi discípulo — para uma Linguística universal, em que todo sistema de língua ou linguagem estaria submetido a este princípio. No entanto, o que Lacan diz da *lalangue* foge a este princípio pelo simples fato de não ser a *lalangue* uma língua. Esta *lalangue dite maternelle* não é o idioma materno. Isso demonstra que há estruturas homólogas entre inconsciente e linguagem e não uma identidade de essência entre elas.

Essa lalação oriunda da mãe é glossolálica. É dessa forma glossolálica que o sujeito é invocado, pois a invocação não se dá pelo sentido ou pelo significado da fala da mãe, mas sim por aquilo que ela transmite de seu desejo através dos vocalises que emite. A glossolalia na invocação não tem a ver com a semântica ou sintaxe da língua (idioma) da mãe, mas o quanto ela coloca o ser como objeto de seu desejo e o quanto invoca este objeto a se tornar sujeito através da invocação. A mãe não invoca falando através de uma língua — português, inglês, italiano ou qualquer outra — mas invoca e transmite algo de seu desejo falando em línguas, glossando, falando em *lalangue*, esta *língua* singular que irá constituir o sujeito. No inconsciente, o Outro do qual ele é seu discurso fala no sujeito. O sujeito fala tangenciado pelo Outro e essa fala não é da língua (idioma), mas de uma língua específica: *lalangue*. É de um estatuto que não há padrão linguístico comparável, não há modelo, pois se trata de um real impossível de ser, de todo, dito. Um real que a invocação irá simbolizar para ser, em partes, dito. Trata-se de uma invocação que coloca o sujeito na ordem simbólica. A ordem simbólica não é dada pelas leis gramaticais da língua; mas pela agramaticalidade do inconsciente, cujo desejo coloca limite no gozo vocal e invoca o sujeito pela *lalangue* a assumir a sua posição de sujeito barrado no seu gozo, invocado a ser sujeito, a fazer do desejo e do discurso do Outro seu próprio ser.

A glossolalia vem a ser uma manifestação vocal, um dizer para nada comunicar, uma enunciação sem enunciado, que está fora do padrão linguístico; mas que, ao mesmo tempo, permite que uma língua seja falada. A glossolalia não é uma língua, mas é uma condição para que haja línguas. Ela é a riqueza do dizer pelo simples dizer, é o ato enunciativo que não traz um enunciado nem performativo, nem constativo⁷, é uma pura enunciação. A tentação é a de buscar um sentido na glossolalia, buscar um *querer dizer alguma coisa*, como se a glossolalia tivesse um sentido escondido em alguma parte ainda não descoberta, mas que

obrigatoriamente haveria um querer dizer algo. O que está em jogo nessa insistência pelo sentido é a nossa recusa da castração, recusa em se deparar com o sem sentido. Para Michel de Certeau (1980, p. 30, tradução nossa) a história da glossolalia é uma tentativa de “[...] conduzir esta delinquência vocal a uma ordem de significados.”⁸ Há uma tentativa de encontrar um sentido ou uma forma de interpretação, de exegese, ou ainda, uma hermenêutica, seja ela psiquiátrica, religiosa, pedagógica, filosófica ou outra qualquer que venha aplacar essa vacuidade de sentidos gerada pela glossolalia.

Pode-se constatar ainda que a glossolalia é de fundamental importância para a existência das línguas:

Este fenômeno particular tem, aliás, ambição universal. Excluindo todas as línguas efetivas, ele é o dizer de cada língua, ou sem o qual nenhuma língua é falada. Ele tem valor metalinguístico em relação à enunciação. Ele isola o dizer de todo dizer. Neste espaço teórico de tipo vocal, o dizer pode se dizer ele mesmo.⁹ (CERTEAU, 1980, p. 29, tradução nossa).

A glossolalia também pode ser entendida como uma pré-linguagem, uma espécie de balbúcio que posteriormente se manifesta no sujeito como um resto vocal daquilo que permaneceu nele desse momento mítico que antecede a linguagem. Um resto que retorna na voz, não como um resquício, mas como aquilo que caracteriza a própria voz, o resto como aquilo que permanece. Tal como De Certeau (1980, p. 30, tradução nossa, *italico do autor*) supõe:

Em cada glossolalia se combinam alhures alguma coisa de pré-linguagem, relativo a uma origem silenciosa ou ao *ataque* da fala, e alguma coisa de pós-linguagem, feito de excessos, de transbordamento ou de dejetos de língua. Tudo como o mito, estas ficções arranjam em conjunto o antes e o depois do dizer para construir o artefato onde se joga.¹⁰

A glossolalia também é o que está no princípio, ela “[...] ‘repete’ as fonações infantis, quer dizer, os inícios do falar, mas em vista de instaurar um teatro para as operações linguísticas a vir.”¹¹ (CERTEAU, 1980, p. 34, tradução nossa). O que nos diz De Certeau é que a glossolalia antecede a língua, e mais do que isso, ela vem a ser uma condição para as operações linguísticas subsequentes. Ela é uma condição por justamente portar dois elementos essenciais para a fala: a voz e o ritmo. A glossolalia traz algo da manifestação rudimentar no sujeito humano. Essa pré-condição para o falar está vinculada à relação da voz e do ritmo que se encadeiam, proporcionando assim um arcabouço para que as operações linguísticas possam penetrar no sujeito em forma de língua previamente estabelecida e exercida por um grupo

linguístico. Michel de Certeau (1980, p. 36, tradução nossa) enfatiza, neste aspecto, a função da Glossolalia como a de “[...] instituir um espaço de enunciação.”¹²

Esta *delinquência vocal*, tal como a glossolalia é denominada por De Certeau (1980), é um engano dos sentidos, pois tentamos encontrar sentido aí onde não há, assim como podemos esboçar algo de um *dom linguageiro* onde há somente manifestação vocal e rítmica. Um falar que se subtrai ou trai a própria fala, para sobrar como resto, a voz e o ritmo. Na verdade, a glossolalia é uma espécie de reinscrição, pois todos nós somos glossolálicos, na medida em que há uma língua que fala no sujeito, apesar dele e que ele não a compreende. Essa *lalangue* que está no sujeito e fala nele é uma glossolalia. Uma *língua* que não é idioma, um dizer sem enunciado, uma fala que não comunica. É *alíngua* advinda da mãe como uma lalação que se instala e constitui o sujeito. A glossolalia também está presente na própria língua, na medida em que ela é esta *parte* da língua que é o puro som (sopro, suspiro, pausas, ronquidão, tosses, gaguejar), fora do sentido, fora das significações, fora da comunicação. O fenômeno da glossolalia é a tentativa de refazer algo de mítico na língua e na fala, esse mito que constituiu a humanidade e que também habita em cada sujeito. A glossolalia não é só um fenômeno social, cultural ou religioso, mas aquilo que está no centro da constituição subjetiva e que é vivenciado por cada um de nós. Neste sentido, somos glossolálicos por balbuciar ao falar, por trazer algo do puro som vocal ao tentarmos falar. Na própria fala, o sujeito se depara com a sua glossolalia na medida em que balbucia, vocaliza, gagueja, murmura, ofega. A glossolalia é a arte do sem-sentido, um dizer que se dá pela ausência de sentido, que promove um outro dizer, na “[...] invenção do espaço vocal, a glossolalia multiplica, de fato, as possibilidades do dizer.”¹³ (CERTEAU, 1980, p. 37, tradução nossa). A glossolalia é a *língua* como um som incompreensível, que pode parecer uma determinada língua, mas que se trata da voz como o som do corpo colocado em ritmo na constituição subjetiva, perfazendo aquilo que estamos chamando de polifonia e polirritmia vocal.

NOTAS DE FIM

¹ Este termo está sendo empregado no sentido de uma desconexão com a realidade, numa espécie de possessão, ou a condução à outra “realidade”.

² “Il parle ‘pour ne rien dire’, précisément pour ne pas être trompé par les mots, pour échapper aux pièges du sens, pour être une pure fable (*fari*, parler) et rejoindre en son antécédence un dire premier.” (Texto original).

³ “[...] une fiction de discours orchestre l’acte de dire mais n’énonce rien; c’est aussi un art de dire dans l’enclos d’un semblant.” (Texto original).

- ⁴ “Ce que l’utopie est à l’espace social, la glossolalie l’est à la communication orale, en circonscrivant dans un simulacre linguistique tout ce que la voix réalise d’autre que la langue lorsqu’elle la parle.” (Texto original).
- ⁵ “Les bruits parallèles qui peuplent les conversations ordinaires représentent un tatouage interlocutoire et vocal sur le discours.” (Texto original).
- ⁶ “L’acte ici importe plus que le contenu. Il a donc sens au moment où se défait la signification des énoncés.” (Texto original).
- ⁷ Performativo e constativo são termos oriundos da pragmática austiniana. Sentenças constativas são aquelas que se limitam a constatar ou descrever algo; como por exemplo, “o gato está sobre o telhado”. Já as sentenças performativas remetem a uma ação performativa, que transformam algo. Exemplo: “Aceito esta mulher como minha legítima esposa” (AUSTIN, 1990, p. 24).
- ⁸ “[...] ramener cette délinquance vocale à un ordre de signifiés.” (Texto original).
- ⁹ “Ce phénomène particulier a d’ailleurs ambition universelle. En excluant toutes les langues effectives, il est le dire de chaque langue, ou ce sans quoi aucune langue n’est parlée. Il a valeur métalinguistique, mais par rapport à l’énonciation. Il isole le dire de tout dire. Dans cet espace théorique de type vocal, le dire peut se dire lui-même.” (Texto original).
- ¹⁰ “En chaque glossolalie se combinent d’ailleurs quelque chose de pré-langagier, relatif à une origine silencieuse ou à ‘l’attaque’ de la parole, et quelque chose de post-langagier, fait d’excès, de débordements ou de déchets de langue. Tout comme le mythe, ces fictions bricolent ensemble l’avant et l’après du dire pour construire l’artefact où il se joue.” (Texto original).
- ¹¹ “[...] ‘répète’ les phonations enfantines, c’est-à-dire les commencements du parler, mais en vue d’instaurer un théâtre pour des opérations linguistiques à venir.” (Texto original).
- ¹² “[...] instituer un espace d’énonciation.” (Texto original).
- ¹³ “[...] invention d’espace vocal, la glossolalie multiplie en effet les possibilités du dire.” (Texto original).

REFERENCIAS

AUSTIN, J. L. *Quando dizer é fazer*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

CERTEAU, M. de. Utopias Vocales: glossolalies. *Revue Traverses: la voix, l’écoute*. Paris, 1980, n. 20, pp. 26-37.

JAKOBSON, R. *Seis lições sobre o som e o sentido*. Lisboa: Moraes Editores, 1977.

LACAN, J. Função e campo da fala e da linguagem em Psicanálise. In: LACAN, J. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998a, pp. 238-324.

_____. Formulações sobre a causalidade psíquica. In: LACAN, J. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998b, pp. 152-194.

LEIRIS, M. *Mots sans mémoire*. Paris: Gallimard, 1998.

ROUGET, G. *La musique et la transe: esquisse d’une théorie générale des relations de possession*. Paris: Gallimard, 1990.

SAUSSURE, F. de. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 1984.

_____. *Écrits de linguistique générale*. Texte établi et édité par Simon Bouquet et Rudolf Engler. Paris: Gallimard, 2002.